

Deslocamentos de profissionais cubanos para Roraima: memórias e experiências migratórias (1990-2000)

*Rennerys Siqueira Silva**
*Raimunda Gomes da Silva***

1 INTRODUÇÃO

De origem aparentemente simples – através de convênios estatais –, o fenômeno da migração de cubanos para Roraima apresenta um mosaico de particularidades e complexidades que resulta na discussão sobre a motivação desses deslocamentos durante esse momento específico da História do Brasil e de Cuba, durante a década de 1990.

O presente artigo tem como objetivo identificar os motivos de deslocamentos de profissionais cubanos da área de saúde e da educação para o estado de Roraima, contextualizando historicamente o estado de Roraima e Cuba no momento dessas migrações – década de 1990 –, a partir de relatos de experiências migratórias, memória e trajetórias de dois entrevistados.

Para este artigo, adotou-se a abordagem qualitativa da linha investigativa, contando com a análise bibliográfica e de fontes documentais do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Roraima. A História Oral é a metodologia que constituiu uma das principais fontes do trabalho, através de entrevistas temáticas semiestruturadas, em forma de roteiro reflexivo, flexível e estruturado em três eixos principais: deslocamentos, experiências e memórias em Cuba, e da década em que o migrante cubano esteve em Boa Vista ou em municípios de Roraima, 1990-2000. O uso da metodologia oral se fez fundamental para atender ao objetivo de analisar as experiências migratórias, pois as informações sobre trajetória, memória e experiências foram captadas por meio dela.

* *Graduado em História pela Universidade Estadual de Roraima - UERR. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras PPGSOF da Universidade Federal de Roraima - UERR.*

** *Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e Professora do curso de História da Universidade Estadual de Roraima - UERR.*

O artigo apresenta inicialmente abordagens sobre teorias migratórias, com ênfase em redes migratórias, que auxiliam a pensar esses deslocamentos e a influência da globalização nas políticas migratórias e nos convênios celebrados em Cuba. Em seguida, analisam-se os contextos históricos e econômicos de Cuba e Roraima, priorizando o recorte temporal 1993-2000, pois o ano de 1993 é marcado pelo primeiro convênio entre a Universidade Federal de Roraima – UFRR e o governo cubano, para fins de empréstimos de profissionais qualificados daquele país. Por fim, são examinadas as trajetórias de dois migrantes cubanos¹: um médico e um professor.

2 OBSERVAÇÕES TEÓRICAS SOBRE MIGRAÇÃO E O USO DA METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

Os deslocamentos de migrantes cubanos, no fim do século XX, para o estado de Roraima desafiam a historiografia roraimense a compreender as motivações desse fenômeno caribenho-amazônico. Neste caso, abordam-se alguns campos de estudo que permitem enxergar esse movimento em um período histórico complexo.

Com o avanço de estudos sobre migração no fim do século XX, surge então a teoria das “redes migratórias” como uma das teorias explicativas dos processos migratórios. Esta corrente agrupa-se com aspectos tanto das teorias micro quanto macrosociológicas. Em um fenômeno migratório, mesmo um deslocamento regional ou internacional, para os defensores da teoria das redes, é provocado por aspectos estruturais (econômicos, políticos, culturais e sociais) e individuais.

De acordo com Truzzi (2008), a teoria das “redes migratórias” ganhou força nos anos 1980 por carregar um aspecto fundamental em um deslocamento migratório: a racionalidade do indivíduo migrante. Para ele “o migrante passou a ser visto como um agente mobilizador de seu capital social” (TRUZZI, 2008, p. 207). O capital social, na perspectiva deste autor, se refere às características econômicas, sociais, políticas e culturais do sujeito migrante. O indivíduo, ao efetuar um movimento migratório e usando da sua racionalidade, avalia o seu capital social na sociedade receptora, bem como as condições de adaptabilidade. Sob este aspecto, as redes migratórias também atenuam os efeitos da readaptação do sujeito no local de destino. Corroborando esse pensamento, Aja-Díaz (2017) afirma que “atores chaves no processo migratório externo cubano são as redes, as quais desempenham um rol significativo no estímulo e apoio na migração de cubanos e sua posterior inserção” (AJA-DIAZ, 2017, p. 47).

Em caso de migrações onde ocorre um fluxo maior de indivíduos, a assimetria entre os países é um peso na receptividade dos migrantes. Segundo Sayad (1998), o imigrante ainda recebe a medição da régua econômica do seu país na escala global. Ou seja, os aspectos que seu país de origem representa na escala econômica e política no mundo mediarão a sua receptividade no local de destino. O imigrante é duplamente dominado, ora pela necessidade de migrar, ora pelo que a sua nacionalidade representará na sua escala final da migração.

No entanto, com o intuito de uma melhor compreensão da categoria “Deslocamentos”, Mondardo (2010) nos esclarece que o indivíduo que se desloca não se apresenta somente como um número estatístico em dados demográficos, mas esse sujeito também carrega em sua subjetividade “(...) uma transposição de contextos estruturais que cercam estes indivíduos como costumes, línguas, tradições históricas, sentidos e significados de lugar” (2010, p. 5). Os deslocamentos podem ser protagonizados como movimentos de massa ou não, inspirados nas mais diversas motivações. No entanto, a categoria “deslocamentos” permite articulá-la à categoria “redes migratórias”, pois ambas dialogam na individualidade do sujeito, no sentido de tomar para si o seu roteiro migratório.

Destaca-se o pensamento de Sayad (1998), quando descreve o fenômeno migratório como um fato social total, por envolver o cruzamento de várias ciências sociais para a sua compreensão, enquanto são desenvolvidas análises e olhares sobre as subjetividades desses sujeitos:

Todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas (social, cultural, política, econômica, jurídica etc) (SAYAD, 1998, p.15).

Diante dessa complexidade e da tentativa de se aproximar da melhor forma possível das subjetividades das narrativas de experiências migratórias e memória dos depoentes em estudo, optou-se pela metodologia da história oral. Apoiados nos conceitos de história oral e memória como colocam Portelli (2010), Passerini (2011) e Montenegro (2003).

De acordo com Passerini (2011), a subjetividade da memória é mais visível e menos oculta em entrevistas e diálogos orais, pois uma entrevista escrita deixa margem para o entrevistado maquiar emoções ou informações que, no ato de uma gravação, dificilmente seriam disfarçadas. “A escritura parece excluir quase que totalmente o aspecto fantástico, fazendo prevalecer um tom discursivo, racional e consequente” (PASSERINI, 2011, p. 40).

A história oral é definida como “principalmente um modo de deixar a política e as condições sociais vivas e tangíveis, evidenciando seu impacto sobre a vida de determinadas pessoas” (PORTELLI, 2010, p. 27). Já para Thompsom (2002), os relatos orais ajudam os pesquisadores a identificar as diferentes formas com as quais os fatores estruturais, individuais e coletivos condicionam um deslocamento.

As migrações cubanas dos anos 1993-2000 ocorreram sob o fenômeno histórico da “globalização”. Este novo sistema de ordem global, que irrompe do Pós Guerra Fria, é marcado por um novo ciclo do capitalismo, que encontra

novas fronteiras com a queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS (IANNI, 1996).

Os países do Leste Europeu, que optaram por uma economia capitalista, estabeleceram relações com novos mercados e tinham, em seus nacionais, uma vasta mão de obra. Ianni (1996) relata o movimento desse contingente, chamando-o de “exército industrial de reserva”:

A mundialização dos mercados de produção, ou forças produtivas, provoca a busca de força de trabalho barata em todas as direções. O exército industrial de trabalhadores, ativos e de reserva, modifica-se e movimenta-se, formando contingente de desempregados mais ou menos permanentes ou subclasses, em escala global (IANNI, 1996, p.21).

A globalização tende a realizar um movimento de pressão contra o Estado-nação para atenuar ou anular a influência deste nas relações econômicas em nível mundial. Diminuição da burocracia alfandegária, facilitação da livre circulação de capitais, expansão de empresas para países em desenvolvimento e migração livre de trabalhadores que queiram “vender” seu capital individual no mundo, são características dessa nova fase da economia de mercado (BRESSER-PEREIRA, 2007).

Porém, de acordo com Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006), a promessa de um mundo “sem fronteiras” – ideia dos entusiastas da globalização – foi concretizada apenas para as remessas de capital e as informações, mas não se fez acompanhar para os despossuídos, ou nas palavras de Bauman (1999), “vagabundos” – os vagabundos, de acordo com Bauman são aqueles à margem da economia de consumo.

Sendo assim, os grandes fluxos migratórios do mundo, no fim do século XX, atendiam a uma equação do sistema econômico mundial que vivia uma nova era de desenvolvimento e expansão de suas estruturas, deslocando pessoas para atender necessidades de mão de obra em diversos setores do globo. Porém, as migrações, sendo o fenômeno complexo que são, contêm suas particularidades e também abrangem lógicas próprias que fogem das atribuições teóricas macrossociológicas.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO DE RORAIMA E CUBA E AS MIGRAÇÕES 1990-2000

3.1 Roraima e Cuba na passagem para o século XXI

O primeiro governo nomeado pela Presidência da República para o Território Federal de Roraima foi de Ene Garcez (1944-1946). Aliado à criação de uma máquina administrativa, a sua política representou profundas

mudanças na vida da sociedade local nas décadas de 1940. Segundo Santos (2012), a instalação do novo governo representou uma alteração na paisagem urbanística da capital Boa Vista, e ainda atraiu investimentos locais na infraestrutura urbana, rural e agrícola.

Mesmo com o fim do governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e a ascensão de um novo período democrático (1946-1964), a estratégia geopolítica da União em relação ao território amazônico permaneceu. O pensamento da Escola Superior de Guerra – ESG sobre a Amazônia, na década de 1950 e 1960, obedeceu a uma estratégia de ocupação e defesa da nova área daquilo que Becker (2004) chama de “economia de fronteira”.

Essa estratégia nacional de integração econômica, social e política da Amazônia brasileira ao restante do país fez com que, a partir da década de 1960, Roraima recebesse contingentes expressivos de migrantes de outras unidades da Federação brasileira. De acordo com Souza (2009), estas ondas migratórias, sendo fomentadas tanto pelo governo local quanto pelo governo federal, atendiam a uma lógica do regime dominante na década de 1970 que definia, por decisões políticas e técnicas, as novas formas de ocupação do espaço amazônico.

Ainda de acordo com Souza (2009), os mais importantes elementos de atração de ondas migratórias para o estado de Roraima, a partir da década de 1960 até o fim do séc. XX, foram:

[...] a facilidade do acesso à terra, propiciada por projetos e programas de colonização e assentamento, e a ocorrência de garimpos. Deve-se salientar que a abertura dos grandes eixos rodoviários concorreu sobremaneira para as taxas espetaculares de crescimento demográfico em Roraima (SOUZA, 2009, p. 41).

No primeiro governo de Ottomar Pinto, entre 1973-1980, período em que foi nomeado pela União como governador biônico do Território de Roraima, houve uma nova estratégia migratória, política contrária a de seu antecessor, Ramos Pereira, de atração de migrantes do Nordeste Brasileiro para a nova fronteira econômica. Ainda de acordo com Santos (2012), Ottomar Pinto priorizou essa nova onda migratória para Roraima com objetivos populistas e eleitoreiros, com o objetivo de se estabelecer e criar seu apoio político-eleitoral quando o novo estado da Federação, Roraima, fosse criado com o fim do Regime Militar.

Com interesse de reforçar a ideia de ocupação de um espaço não preenchido – a geopolítica do Governo Federal encarava a Amazônia, principalmente suas fronteiras, como um “espaço vazio” – o governo de Ottomar Pinto (1979-1983) buscou atrair migrantes que não correspondiam somente aos fluxos tradicionais nordestinos, mas indivíduos de outras regiões do país com vistas a atuarem em projetos agrícolas. De acordo com Staevie (2017), essa política do então governador reforçou o que se entende como política de ocupação e desenvolvimento.

A construção da BR 174² abriu um novo corredor de migração interna para o então Território de Roraima. A partir da década de 1980 e de sua pavimentação, no ano de 1995, a rodovia federal possibilitou maior integração funcional com Manaus-AM e melhor conectividade viária com a Venezuela.

No que diz respeito à modernização administrativa de Roraima, a sua transformação de Território Federal em estado federativo, graças à Constituição de 1988, possibilitou que as autoridades locais se reorganizassem politicamente e articulassem mecanismos de atração de mão de obra de outros estados como forma de apoio eleitoral e formação de base política. De acordo com Santos (2012), apesar da ligação asfáltica de Manaus a Caracas, da criação dos três poderes roraimenses, fim dos garimpos em terras Yanomami e eleições livres e gerais, a autonomia financeira não acompanhou esse processo. Roraima ainda depende exclusivamente de repasses do Governo Federal para desenhar seu orçamento, executar as suas folhas de pagamentos e realizar programas de investimentos.

A região de Roraima se apresentou ao Brasil, entre 1970 e 1990, como um lugar de oportunidades de trabalho, ocupação e desenvolvimento econômico. Sendo priorizada na alocação de recursos e obras pela União, Roraima foi capaz de atrair migrantes de diversas regiões do país e com diferentes qualificações e níveis sociais. As migrações para o então Território, de acordo com Santos (2012), assim como para a Amazônia, também foram uma alternativa, sob a ótica da geopolítica dos militares de 1964, para aliviar as tensões sociais no campo em outras regiões do país, ocupadas e saturadas historicamente.

Já Cuba, sob a influência do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos da América – EUA, desde 1962, sofria com crises de abastecimento e dificuldades de negociação com países do bloco capitalista do ocidente. Com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas-URSS e o desmantelamento do Conselho de Ajuda Econômica Mútua – COMECON, em fins de 1989, – fundamentais para o comércio e financiamentos de investimentos – Fidel Castro se viu obrigado a ceder para a nova onda global do sistema capitalista que acabaria sufocando os remanescentes países que compunham a URSS, forçando-os a uma abertura econômica. A reforma constitucional cubana, no ano de 1992, priorizou uma flexibilização neoliberal na economia, retirando a declaração de que os bens do Estado eram irreversíveis e, permitindo a criação de empresas estatais de capitais mistos, com o objetivo de atrair investimentos estrangeiros:

O objetivo de Castro, desde que ele percebera a inevitabilidade da restauração do capitalismo em Cuba, sempre foi apenas o de salvar as aparências e, resguardando, como serviços públicos, a educação e a saúde, conquistas democráticas da revolução de 1959, suavizar o desmoronamento do socialismo real, montado

ao longo de 36 anos, a fim de não perder o controle sobre os acontecimentos e a honra, muito importante para ele (BANDEIRA, 1998, p. 625).

Sendo nomeado por Fidel Castro como “período especial em tempos de paz”, o impacto do fim da URSS, no início da década de 1990, foi catastrófico para a economia da Ilha de Cuba. A alternativa encontrada pelo governo foi atender, parcialmente, às necessidades do mercado capitalista mundial, que exigia reformas neoliberais e abertura de capital na economia da Ilha. Segundo Pomar (2016), os convênios de *misiones* de profissionais cubanos para países pobres ou em desenvolvimento representaram uma importante fonte de arrecadação para a economia. Com mão de obra historicamente bem qualificada, o intercâmbio de médicos, professores universitários e de áreas militares – especialmente para a Guerra Civil na Angola, já na década de 1980 – sinalizavam um mecanismo de forte arrecadação em momentos de crise.

Segundo Bandeira (1998), já em 1977, com a Guerra na Angola essa política de trocas comerciais de mão de obra:

[...] gerou divisas para Cuba no valor de US\$ 50 milhões, cerca de 9% do valor das commodities exportadas para os países capitalistas, e, dois anos depois, apenas dois contratos, um com a Líbia, no valor de US\$ 25 milhões, e outro com Angola, que também pagava os custos das tropas cubanas, propiciaram-lhe obter cerca de 18% de sua receita em moedas fortes (BANDEIRA, 1998, p. 598).

Desse modo, as crises de abastecimento na Ilha de Cuba eram cíclicas (AYERBE, 2004). Mesmo no período soviético, o país viveu, no fim da década de 1980, uma estagnação de sua economia. Porém, com o fim da URSS, em dezembro de 1991, a situação fiscal e comercial se tornou insustentável, tendo o país, isolado no mundo globalizado, alterado parcialmente as diretrizes econômicas para atender as pressões do mercado. Desta forma, permitiu parciais privatizações de serviços e uma maior atenção aos convênios de trabalho de seus médicos e mundo acadêmico com países emergentes.

3.2 *Roraima e Cuba: a construção de laços migratórios*

Como exposto acima, historicamente, os governos local e federal fomentaram não só a ocupação de Roraima por migrantes com origens de outras regiões do Brasil, com alta e baixa qualificação, mas também por profissionais brasileiros e cubanos para atender aos interesses de instituições locais.

Com a criação da Universidade Federal de Roraima³ e a implantação de cursos universitários de licenciatura e bacharelado, o então Reitor Hamilton

Gondim da Silva, nomeado Pró-Tempore pelo Ministério da Educação, adotou uma política de realização de expansão do ensino universitário e protagonismo no ensino e formação de professores e demais profissionais.

A UFRR realizou seu primeiro convênio com o Ministério da Educação de Cuba, no ano de 1993, para atender aos cursos de Física, Matemática, Informática e Letras. No dia 16 de março, o jornal Paricarana⁴ anunciava o acordo entre a UFRR e a Universidade de Matanzas Camilo Cienfuegos - UMCC para um programa de trabalho de caráter científico-cultural com intercâmbio de professores entre as duas universidades. Com foco na área de docência em Matemática, Física, Informática e Espanhol, por um ano, os professores cubanos tinham a tarefa de aplicar novas metodologias de ensino superior e o aperfeiçoamento dos currículos e matrizes dos cursos da UFRR.

O informativo Paricarana, principal meio de comunicação da UFRR com a comunidade acadêmica na década de 1990, estampava a manchete “Os cubanos chegaram.”⁵ A comitiva de professores foi recebida no Aeroporto Internacional de Boa Vista Atlas Catanhede pelo Reitor Hamilton Gondim. Os primeiros cubanos que vieram para a UFRR foram: Oscar Tintorer (Física), Alberto Martinez Castañeda (Matemática), Elias Herreras (Matemática), Reynaldo Hernandez Camacho (Matemática), Heloísa Suarez Aymé (Letras) e Vivían Estrada Sentí (Matemática).⁶

O estreitamento das relações entre as duas universidades se intensificou quando o então vice-reitor da UMCC, Jorge Casas Suarez, veio a Roraima para auxiliar a UFRR e o Governo de Roraima na “Campanha de Alfabetização para Cidadania”. Este programa, criado pelo Governo de Roraima, buscou auxílio da UFRR para a redução do analfabetismo. O vice-reitor destacou a complexidade da distribuição demográfica no estado, mas afirmou que era possível implantar o programa. Jorge Suarez atuou na campanha de alfabetização em Cuba no ano de 1961, quando o país erradicou o analfabetismo.⁷

O curso de Medicina, tão defendido nas edições do informativo Paricarana⁸, por sua importância para um estado carente de ajuda médica na capital e interior, também foi beneficiado com convênios entre as duas universidades. Fundado em 1994, o curso tinha, no seu quadro docente, o médico e ex-senador por Roraima, Mozarildo Cavalcanti – que chegara a integrar uma comitiva formada por ele, Vivian Estrada e o então Diretor do Hospital Geral de Roraima, Jader Linhares, para viabilizar a contratação de professores da área médica para o referido curso da UFRR, o qual buscou não só no ano de sua fundação, em 1994, mas nos anos seguintes, a ajuda médica cubana sob o Governo de Castro.

Como forma de agradecimento e, para estreitar mais os laços com a Academia de Ciência Cubana, o Reitor Hamilton Gondim, respaldado pelo Conselho Universitário, homenageou o Presidente Fidel Castro, com o título de *Doutor Honoris Causa*. Em seu discurso, Gondim destaca “A Universidade Federal

de Roraima deve ao governo de Cuba o apoio decisivo nas suas horas mais difíceis nestes primeiros cinco anos de vida e de luta em favor do progresso e desenvolvimento do estado de Roraima e da Região Amazônica”⁹.

A política de atração de mão de obra cubana para Roraima não ficou só no âmbito educacional da UFRR. O Governo de Roraima, desde a administração de Ottomar Pinto (1991-1994), estabelecia convênios de cooperação técnica, de trocas comerciais e de contratação temporária de médicos cubanos. O governador Neudo Campos (1995-2002), no Diário Oficial nº 211, do dia 17 de novembro de 1999, firma um convênio de colaboração científica, técnica e comercial com Cuba.¹⁰ O quarto item desse convênio expressava claramente o desejo do Governo de Roraima em contratar e manter médicos cubanos no estado: “As partes expressaram sua disposição em manter e ampliar a presença médica cubana atual no estado de Roraima, com uma permanência de no mínimo até o ano de 2001” (RORAIMA, 1999, nº 211, p. 07). Na letra (e) do sexto item, ficava assegurada a prorrogação do acordo de 4 anos por igual período.

3.3 Cubanos: memória, trajetória e experiências

Optou-se por preservar o anonimato das contribuições orais para este artigo. Foram entrevistados dois cubanos: um médico, no dia 06 de novembro de 2017, que atua na saúde pública municipal e rede estadual de Roraima, e um professor universitário, no dia 04 de outubro de 2017. Quanto ao médico, optou-se por chamá-lo de Diego e o professor universitário, por Tiago, nomes populares em países hispânicos. Suprimimos também algumas informações pessoais como locais de trabalho, nomes de compatriotas residentes em Roraima, mencionados nas entrevistas, e cidades de origem. Essa medida se faz necessária pelo fato de a comunidade cubana no estado de Roraima, que migrou no recorte temporal desse estudo 1990-2000, ser pequena e facilmente identificável. Como agravante a isso, somam-se os depoimentos prestados que mencionam conflitos com alguns entes políticos do estado de Roraima e representações diplomáticas do governo cubano.

Diego, formado na Universidade de Havana, se deslocou para Roraima “fugido”, dito por suas próprias palavras, da Guiana, onde fazia parte de um convênio entre Guiana e Cuba. Chegando em 1999, o migrante, solteiro, clinicou em regiões de garimpo¹¹, levando atendimento médico não só para guianenses, mas também a muitos brasileiros que trabalhavam no extrativismo mineral naquele país. Sua fuga se deu após o Embaixador cubano em Georgetown proibi-lo de permanecer na Guiana:

Eu falei diretamente com o Embaixador, ele me disse que já tinha comprado minha passagem de volta para Cuba. Eu falei a ele: Como eu posso voltar agora com essas novas leis que eu devo ficar 05 anos lá... Se eu já casei e tenho

esposa aqui? Ele disse – Bom! Você pode levar ela para lá. Eu disse: Para quê? Para passar necessidades comigo? Nós tínhamos uma vida mais ou menos estável lá [Guiana], ela era enfermeira. Eu disse: eu não vou voltar! E ele disse – “Então, você é um traidor”. Isso dói, dói muito! Tu ficar longe do teu país. Mas, infelizmente, é uma decisão que tu tem que tomar, não por mim só, mas também por minha família [...] Simplesmente, eu queria ser livre. Essa é a verdade. Na Guiana eu vi a liberdade, que não conhecia até aquele momento. Quando vim ao Brasil, conheci mais liberdade ainda. Ser livre é a melhor coisa da vida. Você poder fazer o que quer... Não ser dominado por ninguém. (Diego, nov. 2017).

O relato do colaborador permite pensar em uma liberdade, almejada por ele, não apenas no que tange à livre circulação, mas também uma liberdade econômica que não encontrou em Cuba. O desejo de ficar na Guiana, de trabalhar livremente, de fazer suas próprias escolhas e de usufruir de suas economias sem interferência do Estado cubano influenciará outros desejos do “médico” em romper com Cuba.

Já Tiago, professor universitário, chegou por meio de um intercâmbio entre a sua Universidade e a Secretaria Estadual de Educação e Desporto - SEED, no fim do ano de 1996. Esse convênio, segundo o próprio entrevistado, visava dar suporte ao Programa Nacional de Tecnologia Educacional – PROINFO¹². Com o mesmo prazo de permanência dado a outros profissionais designados para o estado, Tiago deveria permanecer um ano em Roraima e contribuir repartindo o salário pago pelo governo local com a embaixada cubana:

Todos que chegavam aqui naquela época era isso. Uma porcentagem do salário era enviada para o Governo [cubano]. Era essa a condição para você sair [de Cuba] [...] eu recebia e eu enviava para a embaixada. Por isso, em pouco tempo, eu decidi que esse dinheiro era meu, e não do governo (Tiago, 04 out. 2017).

Tiago, diferente de Diego, ao chegar a Roraima, a partir do 3º mês, decidiu permanecer no estado e romper com o regime cubano. Não tinha constituído família em Boa Vista e ainda possuía uma filha em Cuba. Parte de seus familiares defendia a ideia de que ele voltasse ao país, mas sua mãe o apoiou na sua decisão. A decisão de Tiago de permanecer em Roraima, sabendo que não poderia regressar a Cuba sob o estigma de “traidor da pátria”, era muito difícil. E para alguém que migrou sozinho, com mais de 30 anos e sem nenhum familiar no lugar de destino (Roraima), essa decisão era muito mais dramática.

Diferente de Tiago – que decidira logo no início do convênio que permaneceria em Roraima – Diego não tinha o Brasil como destino final, mas, sim, Miami, nos EUA. Entretanto, ele reconheceu que, apesar de, na época, as leis migratórias para cubanos nos EUA serem bem flexíveis, os trâmites para revalidação de diplomas eram mais burocráticos que no Brasil:

Eu conheci muitos brasileiros nas minas [garimpo] na Guiana, eu era o único médico por lá. E eles me falaram que Boa Vista era muito bonita, muito boa. Até que eu pensei: Bom, vou tentar! Inicialmente, eu pensava no Brasil como corredor para Miami. Minha ideia era os Estados Unidos, como todo cubano [risos], porque era o único país que dava refúgio imediato para os cubanos, para todos que chegaram. Mas aqui eu comecei a gostar da cidade, conheci muitas pessoas que me ajudaram. Não cubanos! Brasileiros. (Diego, 06 nov. 2017).

Esse relato configura outro lugar de destino desses médicos: Miami. A tradição da Flórida em protagonizar como rota final de cubanos exilados se reproduz nos planos migratórios de Diego. Porém, frente às dificuldades em retomar outra viagem em um deslocamento internacional, ele refez seus planos junto com sua esposa guianense, e decide permanecer em Roraima. Ou seja, o migrante obtém as informações do novo destino a ser seguido, pondera as alternativas, as dificuldades a serem encontradas e as possibilidades existentes e traça sua rota migratória, fundamentado em informações nas “redes migratórias”.

No que concerne às experiências migratórias, questionou-se sobre adaptação na sociedade receptora, inserção na comunidade roraimense, preconceitos e as atuais relações com familiares e com o seu país. O campo em comum nos dois relatos refere-se às atuais relações com Cuba e a volta ao país após tantos anos de separação. Para Diego, mesmo sem ter os pais para visitar – os pais morreram enquanto ele não podia retornar entre (2000-2013) –, mostrou-se uma experiência pessoal muito benéfica. Já para o Tiago, apesar de ter sido muito bom retornar a Cuba, não há essa conectividade com a pátria cubana:

É uma coisa indescritível. Uma coisa maravilhosa. Ir e ver a tua família, caminhar pelas ruas onde você se criou, encontrar amigos que ainda estão em Cuba, poucos... Mais velhos... Ver os jovens-velhos em Cuba. O país é o país da gente (Diego, nov. 2017).

Foi significativo sim. Claro que foi um custo grande com minha saída. Mas, eu tenho consciência. Claro que eu me senti feliz depois de ver minha mãe e meu pai. Eles ainda estão vivos. [...] o recebimento meu foi muito bom. Minha

família... meus colegas de trabalho... Inclusive, após duas vezes em Cuba, na terceira eu fui a um congresso. Foi um congresso interessante. Queira ou não queira, eu tenho minhas raízes em Cuba e minha formação. [...] Não tenho essa saudade de Cuba, de cubanos. Um pouco disso. Só o que ficou de mim lá foi minha família. No dia em que a família não estiver lá. No dia em que falecer meu pai e minha mãe, me parece que não pretendo mais retornar ao país. Nem em visita (Tiago, out. 2017).

O sentimento de pertencimento mostra-se complexo nos depoimentos. Para Diego, sentir-se um cubano faz parte de sua subjetividade, ainda que ele declare com frequência seu amor pelo Brasil. O “ser cubano” é manifestado em parte dos trechos do depoimento no que diz respeito à juventude, formação e trabalho em Cuba. Esse sentimento de nacionalidade é reproduzido para denunciar autoritarismos de representantes de instituições cubanas e o fracasso econômico da Ilha.

Já em Tiago, o sentimento de pátria cubana é negado e, ao mesmo tempo, reafirmado a todo o momento. Ele reivindica para si o seu “ser cubano”, quando denuncia as arbitrariedades do governo e o quadro político-econômico de Cuba. Porém, na construção de sua narrativa, esse sentimento desaparece ou é claramente ignorado e negado para definir suas relações atuais com o país a partir de sua migração. Para Tiago, o “ser cubano” desapareceu depois que ele deixou a Ilha em 1996. É um sentimento reprimido e resgatado quando lhe convém em suas narrativas.

Entretanto, quanto à adaptação e enfrentamento de adversidades no local de destino, Roraima, os dois depoimentos apresentam diferentes experiências. Enquanto Tiago assegura não existir qualquer tipo de atos de preconceito ou rejeição por parte dos roraimenses, Diego narra várias situações de xenofobia e intimidações, tanto da parte de alguns docentes da UFRR, de autoridades políticas e de pacientes atendidos no Sistema Único de Saúde – SUS, de Roraima.

Para se candidatar ao processo de revalidação do diploma expedido pela Universidade de Havana, em Cuba, Diego enfrentou grande resistência do curso de medicina da UFRR à época. Foi necessário se deslocar para Manaus e participar do processo Revalida, sendo aprovado pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Porém o Conselho Regional de Medicina de Roraima impôs vários empecilhos para registrar o seu diploma.

Historicamente, o Conselho Federal de Medicina – CFM adota uma política não simpática para a revalidação de diplomas e o registro de cubanos no Brasil. Um parecer do setor jurídico do CFM, emitido em 11 de junho de 1997, responde a indagações de um médico conselheiro de iniciais N. J. F. L. do CRM-MA¹³. Este faz questionamentos da ordem: “É possível médicos cubanos exercerem atividades profissionais no país?”, “Estes médicos não estão regularizados no CRM, qual a

implicação legal para os hospitais e diretores clínicos onde os referidos médicos estão atuando?”, “Os Secretários Municipais de Saúde poderão ser acionados? E em caso de erros causados pelos referidos médicos? E os Prefeitos Municipais?”, “Finalmente, como o CFM pretende corrigir tal fato?”¹⁴.

A atividade de cooperação entre Cuba e Brasil está fundamentada no “Acordo Básico de Cooperação Científica, Técnica e Tecnológica”, firmado entre a República Federativa do Brasil e o Governo da República de Cuba, em 18 de março de 1987¹⁵.

Quanto ao retorno à Ilha de Cuba, o médico deixa explícito que, ao mesmo tempo em que temia a volta a Cuba e reviver as constantes dificuldades econômicas e de acesso a itens de primeira necessidade, sua decisão de abandonar o convênio, ainda na Guiana, e seu país não possuiu um caráter político:

O meu problema não foi político, e sim econômico. Eu nunca tive problemas políticos. Os meus problemas [políticos] nunca ocorreram em Cuba, eles começaram quando eu casei na Guiana e falei para o embaixador que gostaria de ficar. E ele falou que se eu ficasse seria um traidor da Pátria. Mas, politicamente eu nunca tive problema (Diego, nov. 2017).

Porém, no âmbito das perguntas sobre suas memórias em Cuba, Diego faz duras críticas ao governo de Castro, logo, mostra uma dualidade no ressentimento quanto à sua trajetória. De acordo com Pollack (1989), uma abordagem construtivista dá voz às memórias subterrâneas e encara os fatos sociais não como coisas, mas sim, como esses fatos sociais se tornaram essas coisas e por quem eles são estabilizados. A memória dos indivíduos, oculta, silenciada ou até oprimida, antagoniza com a memória nacional coletiva e hegemônica.

Essa memória carregada de ressentimentos surge quando o entrevistado relata algum tipo censura ou perseguição que o regime possa ter efetuado:

[...] contra mim, sim. Não me deixaram voltar lá [Cuba] por 13 anos. Porque eu estava colocado como traidor da pátria. Todos os médicos que ficavam... [Em Roraima]. Isso eu acho um absurdo. Meu pai e minha mãe morreram, eu solicitei permissão [para retornar a Cuba] e nunca me deram (Diego, 06 de novembro de 2017).

Apesar de Diego receber a visita de familiares após ter estabelecido residência fixa em Roraima, o governo cubano não permitia o regresso de “traidores da pátria” – como eram classificados aqueles que abandonaram as *misiones* no exterior – para o país. Só com a reforma migratória de 2012 é que cubanos migrantes puderam retornar, mas, ainda assim, com visto de turista, válido por 90 dias, e não como genuínos cidadãos cubanos.

Quanto às memórias de vida em Cuba, Tiago apresenta uma narrativa carregada de ressentimentos e de rechaço a qualquer ligação sentimental com o país de origem:

Então, existe disso uma influência da minha formação, da minha preparação. Mas, com lembranças muito amargas. Realmente, meu pior momento de vida são meus primeiros 34 anos de vida. Eu vivia de forma péssima. São mais lembranças más que boas. **Cuba, para mim, é uma lembrança amarga** (Tiago, out. [grifo nosso] 2017).

De acordo com Haroche (2004), a ideia de “ressentimento” nasce em classes ou indivíduos que sofreram algum tipo de ameaça, negação de suas existências e traumas quanto à sua ideia de pertencimento a algo. “O ressentimento aparece então como uma resposta inconsciente, efeito longínquo de uma angústia ignorada, recalçada, ligada ao sentimento ameaçador de uma negação da existência” (HAROCHE, 2004, p. 340).

Parte desse ressentimento do professor se deve a uma política de chantagem feita por autoridades cubanas em relação às instituições e governos locais. Segundo os entrevistados, os representantes diplomáticos e chefes de delegações ameaçavam as autoridades caso fossem dados empregos para os cubanos considerados “traidores”¹⁶. Essa atitude também aconteceu com o Diego, porém foi na Guiana. E lá, apesar de relatar que poderia viver legalmente no país, o governo guianense seguiu as recomendações da Embaixada de Cuba em não conceder empregos na área de formação de Diego. Tiago apresenta um componente mais grave, de perseguição e intimidação a seus familiares em Cuba:

Eles tentaram várias vezes, através de funcionários enviados pelo governo [cubano] para impedir que eu trabalhasse aqui [Roraima]. Mas, as leis brasileiras não permitem essa ingerência do governo cubano para afirmar que eu não pudesse trabalhar no Brasil. E também eu estava em condições legais. Então, eu podia trabalhar pelas vias legais e eles [governo cubano] não podiam fazer nada comigo. Então, eles tomaram represálias contra minha mãe, que no caso era o meu ponto mais fraco. Ela foi presa duas vezes. Foi durante um único dia, mas com interrogatórios muito... do tipo... com especialistas na área... e ameaçando-a a todo tempo – dizendo que poderia acontecer algo bem ruim, esse tipo de coisas... e que eu voltasse para o país. Bom, isso está claro que não funcionou. (Tiago, out. 2017).

Esse ressentimento nasce quando o migrante passa a sentir o desprezo e perseguição do Estado contra ele ou seus familiares em Cuba. Essa negação com relação às instituições cubanas e ao país de origem, nas narrativas orais,

não se mostrou visível enquanto esses migrantes viviam na Ilha. Ela nasce ou se revela a partir do momento em que o migrante, que até então gozava de plenos direitos de cidadão, é visto como um “traidor da pátria” e perde sua condição de “cidadão cubano”.

A construção de uma narrativa de ressentimento é fruto da própria memória que, na sua subjetividade, constrói elementos, exclui os indesejáveis, privilegia aquilo que interessa e esquematiza um discurso pronto para um tipo de pergunta que desperta essa narrativa (PORTELLI, 2010).

Logo, as narrativas apresentadas pelos dois entrevistados, e privilegiadas pela metodologia de história oral permite observar e cruzar vários pontos das Ciências Sociais para a compreensão desse fenômeno histórico ocorrido no norte do país. A migração de cubanos não envolveu somente acordos entre governos por meios burocráticos e por tempo determinado. O componente humano desses sujeitos migrantes, investigado neste trabalho, revela que essa ocorrência histórica de migração envolveu não somente o simples deslocamento de trabalhadores para Roraima. Além disso, resultou no desenvolvimento de impactos na memória dos indivíduos, separações familiares, retaliações contra membros dos familiares no país de origem e choque de interesses de autoridades cubanas e brasileiras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas das trajetórias dos dois profissionais em estudo possibilitaram observar que o processo migratório de cubanos para Roraima, através de convênios entre a Universidade Federal de Roraima e o Governo do Estado, ou aqueles que se deslocaram da Guiana para Roraima – tendo origem ainda nos anos de 1990 – foi fundamental em suas contribuições para a edificação de instituições locais, como na criação e consolidação de cursos da UFRR, na expansão do Sistema Único de Saúde para áreas indígenas e municípios do interior de Roraima e ainda em convênios para atender o corpo administrativo da Secretaria Estadual de Educação e Desporto.

Do mesmo modo, foi possível descortinar sentimentos difusos que, muitas vezes, induzem maior peso às memórias de ressentimentos, negação e afirmação das raízes culturais e históricas. Esse aspecto requer maior aprofundamento, assim como os significados de experiência de ser cubano e viver na Amazônia, particularmente em Roraima, visto enquanto um lugar de oportunidade e de vivência de liberdade econômica, principalmente por conta do rompimento dos acordos selados junto ao governo cubano no momento da migração e a reação do mesmo ao interditar visita a Ilha, além de perseguir os familiares destes migrantes. Portanto, são histórias individuais que descortinam outras experiências que, nem sempre visíveis ou detectadas dentro de uma perspectiva coletiva, registram determinadas particularidades e subjetividades.

NOTAS

¹ Em respeito às solicitações dos depoentes, foram criados nomes fictícios para as suas respectivas identificações nos relatos apresentados neste artigo. O médico optou por Diego e o professor por Tiago. Nomes populares nos países de língua espanhola.

² A construção da BR 174 teve início em 1967 e foi concluída em 1977 (STAEVIE, 2017).

³ A Universidade Federal de Roraima teve autorização para a sua criação através do Projeto de Lei nº 7.364/85 e fundada pelo Decreto nº 98.127/88.

⁴ Jornal Paricarana: Informativo da UFRR, Roraima, nº 25, 16 mar. 1993.

⁵ Jornal Paricarana: Informativo da UFRR, Roraima, nº 37, 27 Abr. 1993.

⁶ Idem.

⁷ Jornal Paricarana: Informativo da UFRR, Roraima, nº 49, 22 Nov. 1993.

⁸ Jornal Paricarana: Informativo da UFRR, Roraima, nº--, 06 Abr. 1995.

⁹ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Entrega ao Presidente de Cuba, Fidel Castro Ruz, do título de Doutor Honoris Causa**. Boa Vista: UFRR, 1994.

¹⁰ Roraima. **Diário Oficial do Estado de Roraima**. Boa Vista, RR, 17 Nov. 1999.
Disponível em: <http://imprensaoficial.hospedagemdesites.ws/diarios/doi-19991117.pdf>.
Acesso em: 18 Junho 2018.

¹¹ Os países vizinhos Guiana e Venezuela possuem históricos de fluxos migratórios de brasileiros para as regiões de garimpos. Ver: RODRIGUES, F. D. S. **Nacionalidade no pensamento social brasileiro e venezuelano e o lugar Guayana**. Manaus: EDUA, 2014.

¹² O que é o PROINFO? Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/349-perguntas-frequentes-911936531/proinfo-1136033809/12840-o-que-e-o-proinfo>
Acesso em: 18 Junho 2018.

¹³ Parecer nº 119/97. Setor Jurídico Conselho Federal de Medicina.
Disponível em: http://www.portalmedico.org.br/notasdespachos/CFM/1997/119_1997.pdf.
Acesso em: 19 Jun. 2018.

¹⁴ Idem.

¹⁵ BRASIL. Decreto nº 2.700, de 30 de julho de 1998. **Promulga o Ajuste Complementar ao Acordo de Cooperação Científica, Técnica e Tecnológica para Cooperação na Área de Transportes**, celebrado entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da

República de Cuba. Havana, 30 jul. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2700.htm > .

Acesso em: 20 fevereiro 2019.

¹⁶ Esses relatos de ameaças e chantagens promovidas por algumas autoridades cubanas na década de 1990 apareceram não só nos depoimentos citados neste trabalho, mas também em outras narrativas colhidas por um dos autores deste artigo. SILVA, R. S. **Migração Cubana para Roraima (1993-2000)**. 2015. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, 2015.

REFERÊNCIAS

AJA-DÍAZ, A. et. al. La Migración Internacional de Cubanos: Escenarios Actuales. **CEDEM Novidades en población**, La Habana, v. 13, nº 26, p. 40-57, jul/dez, 2017.

AYERBE, L. F.. **A revolução cubana**. São Paulo: Unesp, 2004.

BANDEIRA, L. A. M. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Trad.: Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECKER, B. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BRASIL. Decreto-lei nº 98.127/89, de 8 de setembro de 1989. Fundação da Universidade Federal de Roraima. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 8 set. 1989.

_____. Lei nº 7.364/85, de 12 de setembro de 1985. Criação da Universidade Federal de Roraima. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 set. 1985

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Entrega ao Presidente de Cuba, Fidel Castro Ruz, do título de Doutor Honoris Causa**. Boa Vista: UFRR, 1994.

BRESSER-PEREIRA, L. C.. Globalização e Estado Nação. **Textos para discussão: Escola de Economia de São Paulo-FGV**, São Paulo, nº160, abr. 2007.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Parecer jurídico nº 119/97**. Disponível em:< http://www.portalmedico.org.br/notasdespachos/CFM/1997/119_1997.pdf > .

Acesso em: 19 de Jun. 2018.

FERNANDES, F. **Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HAROCHE, C. Elementos para uma Antropologia Política do Ressentimento: Laços Emocionais e Processos Políticos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.). **Memória e (Res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2004.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Jornal Paricarana: um informativo da UFRR, Roraima, nº 25, 16 mar.1993.

_____. Roraima, nº [s/n], 06 abr. 1995.

_____. Roraima, nº 37, 27 abr. 1993.

_____. Roraima, nº 49, 22 nov. 1993.

MARQUES, R. L. **A Condição Mariel**: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990). 2006. 274 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, UNB, Brasília, 2009.

MONDARDO, M. L. **“Contrageografias da globalização”**: “fronteiras internas”, identidades em trânsito e experiência “fora do lugar”. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (Portugal). Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> . 2010. Acesso em: 18 jan. 2019.

MONTENEGRO, A. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2003.

O que é o PROINFO? Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pec-g/349-perguntas-frequentes-911936531/proinfo-1136033809/12840-o-que-e-o-proinfo>> . Acesso em: 18 Jun. 2018.

PASSERINI, L. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

POLLACK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, p. 3-15, 1989.

POMAR, W. **Cuba**: revolução e reforma. São Paulo: Perseu Abramo, 2016.

PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. Tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RODRIGUES, F. dos S. **Nacionalidade no pensamento social brasileiro e venezuelano e o lugar Guayana**. Manaus: EDUA, 2014.

RORAIMA. **Diário Oficial do Estado de Roraima**, de 17 de Novembro de 1999. Nº 211. Boa Vista, RR, 17 nov. 1999.

Disponível: <<http://imprensaoficial.hospedagemdesites.ws/diarios/doe-19991117.pdf>> . Acesso em: 18 Jun. 2018.

SADER, E. **Cuba**: um socialismo em construção. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, N. P. D. **Política e poder na Amazônia**: o caso de Roraima 1970-2000. Boa Vista: Edurrf, 2012.

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, M. A. da. **Cuba e a eterna guerra fria**: isolamento ou reinserção. 2006. 274 f. Tese. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina), São Paulo, 2006.

SILVA, R. S. **Migração cubana para Roraima (1993-2000)**. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História), Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, 2015.

SOUZA, C. M. Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências e múltiplos significados. **Revista Acta Geográfica**, nº 5, p. 69-72, jan/jun. 2009.

STAEVIE, P. M. Mudança nas Migrações Contemporâneas para Roraima: Indicativos a partir do caso de Gaúchos para Roraima. **Novos Cadernos NAEA**, v. 20, nº 1, p. 25-42, 2017.

THOMPSON, A. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. Tradução: Magda França Lopes. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 20, nº 1, 2008.

Entrevistas:

TIAGO, Professor. **Entrevista I**. [out. 2017]. Entrevistador: Rennerys Siqueira Silva. Boa Vista, 2017.

DIEGO, Médico. **Entrevista II**. [nov. 2017]. Entrevistador: Rennerys Siqueira Silva. Boa Vista, 2017.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar os motivos de deslocamentos de profissionais cubanos para o estado de Roraima na última década do século XX. Tentou-se compreender como se deu o processo de deslocamentos, os desafios e as possibilidades de viver em Roraima e como esses sujeitos revisitam o lugar de origem, e a sua relação com Cuba. Utilizou-se como principal documentação a fonte oral, por meio de entrevista semiestruturada e de um roteiro relacionado ao processo de deslocamento, inserção e experiência migratória. Além da fonte oral, foram consultados jornais impressos, dentre outros documentos oficiais. Os acervos do Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal e o Conselho Regional de Medicina em Roraima foram utilizados como fonte para coleta de dados. A análise das narrativas possibilitou outros olhares sobre a relação desses profissionais com seu país, as marcas de uma memória de ressentimento e reencontro com o lugar de origem. Constatou-se, também, que a experiência dos profissionais cubanos no Brasil, entre desafios e possibilidades, proporcionou outras realizações, não apenas profissional, mas também afetiva e de identificação com a cultura brasileira.

Palavras-chave: deslocamentos, cubanos, experiência migratória, Roraima.

ABSTRACT

This article aims to identify the reasons for the displacement of Cuban professionals to the state of Roraima in the last decade of the twentieth century. We tried to understand how the displacement process, the challenges and the possibilities of living in Roraima took place and how these subjects revisit their place of origin and their relationship with Cuba. The main documentation was the oral source, through semi-structured interviews and a script related to the process of displacement, insertion and migratory experience. In addition to the oral source, were consulted printed newspapers, among other official documents. The collections of the Historical Documentation Center of the Federal University and the Regional Council of Medicine in Roraima were used as a source for data collection. The analysis of the narratives allowed other perspectives on the relationship of these professionals with their country, the marks of a memory of resentment and reunion with their place of origin. It was also found that the experience of Cuban professionals in Brazil, among challenges and possibilities, provided other achievements, not only professional, but also affective and identifying with Brazilian culture.

Keywords: displacement, Cubans, migratory experience, Roraima